

A autonomia do profissional dentro do processo de cuidado na Atenção Primária: um sonho realizado por Francine Campolim

Interview: Professional autonomy in primary healthcare: a dream come true by Francine Campolim

Maria Eduarda Senna Pierri^{ORCID}, Raquel Regina Duarte Moreira^{ORCID}

RESUMO

Nesta entrevista, Francine Campolim fala sobre a experiência da implantação da fitoterapia em Itapeva/SP em colaboração com uma cooperativa local.

Palavras-chave: Fitoterapia, Plantas medicinais, Sistema Único de Saúde.

ABSTRACT

In this interview, Francine Campolim talks about the experience of implementing phytotherapy in Itapeva/SP in collaboration with a local cooperative.

Keywords: Herbal medicine, Medicinal plants, Health System.

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Araraquara, (SP), Brasil.



INTRODUÇÃO

A expansão das Farmácias Vivas por todos os municípios do estado de São Paulo é um sonho da Francine, que relata em sua entrevista quais os caminhos que foram traçados para a efetivação de uma política pública em Farmácias Vivas no município de Itapeva. A sua experiência descreve um relato afetivo da formação de parcerias necessárias para a construção de projetos e programas de incentivo à Fitoterapia no interior do estado, com destaque para o Programa Municipal de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, que disponibiliza os fitoterápicos e as drogas vegetais através da capacitação dos prescritores, horizontalizando a responsabilidade da prescrição e promovendo a autonomia da equipe multiprofissional.

Francine é a coordenadora do projeto e fez parte do programa, mais intensamente em seus primeiros anos, e hoje destina-se à mediação de parcerias e incentivadores, bem como a ações de gestão de recursos do projeto que o fez vigorar por tantos anos, ilustrando o quanto as negociações e diálogos com os diversos atores sociais são peças fundamentais para a construção de políticas a longo prazo na área de Saúde Pública. Francine fez sua passagem como profissional da Assistência Farmacêutica, apaixonou-se pela fitoterapia e tornou-se professora em uma Faculdade local com vistas a incentivar os estudos em fitoterapia e Farmácias Vivas no cenário da produção de trabalhos acadêmicos, contribuindo para a construção de um arcabouço teórico para a sustentação de futuros projetos.

Um dos nomes fundamentais no processo de construção colaborativa da Farmácia Viva em Itapeva foi a cooperativa Coopplantas, regida por mulheres assentadas do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), sendo um dos primeiros assentamentos do Brasil na construção do movimento nacional de luta pela terra e pela reforma agrária. O estabelecimento dessa parceria contribuiu para o incentivo de produção de plantas medicinais pela própria cooperativa e alinha-se com os objetivos do Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, tais como promover o manejo sustentável das plantas, incentivar a inclusão da agricultura familiar nas cadeias e nos arranjos produtivos e reconhecer as práticas populares e tradicionais do uso de plantas medicinais e remédios caseiros.

ENTREVISTA

Apresentação da entrevistanda: Meu nome é Francine Campolim Moraes, eu trabalho no município de Itapeva como farmacêutica desde 2008 e estou na coordenação desse projeto e do Programa de Fitoterapia aqui no município desde 2013. Eu tenho outras atribuições aqui no município. Eu atuo também como coordenadora do Programa de Tabagismo, trabalho no CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) Álcool e Drogas e no SAE (Serviço de Atenção Especializada).

Tenho uma dedicação mínima, hoje em dia, ao projeto, ao programa, porque a gente tem outra farmacêutica que trabalha na Farmácia Viva (FV), mas eu fico responsável por essa parte de articulações e formação, uma parte mais de gestão desse projeto, desse programa. Eu entrei nessa realmente porque, quando a gente foi convidado a participar do edital pelo pessoal de uma cooperativa de mulheres que tem aqui em Itapeva que trabalha com plantas medicinais, imediatamente eu me senti motivada e empolgada para fazer parte disso. Na época eu estava na coordenação da Assistência Farmacêutica, mas logo depois eu saí e fui de corpo e alma para a Fitoterapia.

Maria Eduarda Senna Pierri (M. E. S. P): Muito bom! Dentro desse município eu queria que você contasse um pouco a história do uso das plantas medicinais e dos medicamentos fitoterápicos na cidade.

Francine Campolim Moraes (F. C. M): Em Itapeva a gente teve um trabalho antigo com as plantas medicinais em comunidades. A gente tem esse grupo de mulheres que são assentadas do Movimento Sem Terra (MST) da fazenda Pirituba, que é um dos primeiros assentamentos do Brasil, e elas começaram a trabalhar com as plantas medicinais a partir de um curso que uma religiosa trouxe para Itapeva. Elas começaram a trabalhar com a questão nutricional porque tinham muitas crianças subnutridas, e aí foram ensinadas a fazer uma multimistura e algumas tinturas, algumas preparações com plantas medicinais e, a partir daí, o trabalho foi se desenvolvendo dentro da comunidade até que elas fundaram essa cooperativa e começaram a trabalhar profissionalmente com isso. Em seguida, quando o primeiro edital do Ministério da Saúde foi

lançado, elas procuraram a Secretaria de Saúde de Itapeva com esse interesse de participar, a Secretaria abraçou esse projeto e aí estamos até hoje. A gente foi aprovado no edital número 1 de 2012 e no edital número 2 de 2015 (Editais de Chamada Pública SCTIE/MS Nº 1/2012 e Edital de Chamada Pública SCTIE/MS Nº 2/2015).

M. E. S. P.: Eu queria agora que você contextualizasse um pouco como é o município de Itapeva, em termos de clima, de geografia, de perfil. Quais são as características dos moradores?

F. C. M.: Itapeva é um município basicamente agrícola. Somos um dos maiores produtores de grãos do estado de São Paulo. A gente está entre os 50 PIBs (Produto Interno Bruto) nacionais do Agronegócio. Basicamente madeira e grãos, e também tem bastante mineração aqui, já tendo sido chamada de capital dos minérios. Mas, como eu falei, a gente também tem esses assentamentos, que são um dos primeiros assentamentos do Brasil, onde se trabalha bastante com orgânicos. A gente tem também algumas outras cooperativas de orgânicos, bem atuantes aqui. Mas basicamente é o Agronegócio de grandes produtores. A gente está aqui em uma região de Mata Atlântica, transição para Cerrado, e a gente tem um clima ameno, bem definido, no verão faz calor, no inverno faz frio. A gente fica no sudoeste do estado de São Paulo, quase divisa com o Paraná.

M. E. S. P.: Agora falando mais do trabalho em si, da sua atuação, você disse que principalmente a sua relação com a fitoterapia veio através da demanda desse assentamento, dessa cooperativa. Eu queria entender como isso se deu. Já existia alguma iniciativa antes dessa demanda das pessoas assentadas? Em que época, mais ou menos, isso aconteceu?

F. C. M.: Olha, as datas exatas eu não tenho certeza, eu sei que a cooperativa tem uns 30 anos. Eu acho que foi na década de 1990 que elas se constituíram como cooperativa e elas já eram bem consolidadas quando iniciou o projeto. Elas são bem conhecidas nesse meio como um grupo de mulheres, uma cooperativa que trabalha com plantas medicinais, são uma referência mesmo, principalmente dentro do movimento, nesse sentido.

M. E. S. P.: Eu queria que você trouxesse também os nomes importantes dessa construção, se existiram algumas lideranças.

F. C. M.: Sempre estive à frente da cooperativa a Patrícia Apolinário (Presidente da Cooperativa de Produção de Plantas Mediciniais – Coopplantas – Itapeva/SP). Hoje em dia ela é agrônoma, se formou também dentro desses programas, ela recebeu uma bolsa, se não me engano, na UFSCar (Universidade Federal de São Carlos) para estudar, aí ela foi fazer um estágio na Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz) e lá ela conheceu o pessoal, o Glauco Villas Boas, o Valério Morelli, algumas pessoas que também deram esse incentivo para que a gente construísse juntos esse projeto. Então, quando ela veio até nós com a cooperativa para propor essa parceria, ela estava acompanhada da Fiocruz e isso fortaleceu muito também, principalmente quando você fala de gestão, porque, queira ou não, um grupo de mulheres do MST chegar junto com a Fiocruz, que é uma Instituição de um peso, com certeza ajudou muito na parceria. Então a Fiocruz também foi um nome bem importante pra gente desde o começo. O INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) que, na época, estava bem forte, também estava junto.

M. E. S. P.: Eu queria que você trouxesse, agora, a informação de como o projeto está estruturado hoje, porque você citou alguns programas e, além disso, também citar com quais plantas vocês trabalham atualmente.

F. C. M.: A partir do segundo edital, a gente fez uma parceria também com a FAIT, que é uma Faculdade aqui de Itapeva que tem o curso de Farmácia. Então, como o projeto previa custeio e investimento, mas não previa obra e infraestrutura, eu acredito que, sem essa parceria, a gente não conseguiria chegar onde chegou. A FAIT entrou com a estrutura da farmácia ensino, fizeram todas as adequações necessárias para poder ser aprovado como Farmácia Viva. O projeto, para se ter uma ideia, é para ser feito em 2 anos, a gente está com recurso desde 2016 até agora e ainda tem um recurso para trabalhar mais um tempo graças a essa parceria, porque eles absorveram parte do custo de manutenção. Diversas despesas que foram absorvidas pela faculdade possibilitaram que

a gente desenvolvesse o projeto ao longo de todos esses anos. A mão de obra foi uma contrapartida da prefeitura. Então, com uma boa gestão, esse recurso que a gente recebeu está sendo utilizado há 6 anos com possibilidade de ser utilizado por mais 1 a 2 anos, no mínimo. A gente tem uma Farmácia Viva onde são produzidas 34 apresentações de fitoterápicos. A gente tem algumas tinturas, cápsulas, preparações de uso tópico como pomadas, colutório oral e pomada em orabase. Tem ainda os chás, que a gente disponibiliza na forma de droga vegetal. Mesmo após o fim da vigência do projeto, que teoricamente encerraria as parcerias de dois anos, a gente ainda adquire droga vegetal da Coopplantas, com anuência do Conselho Municipal de Saúde. No último ano foram fornecidos quase 50 kg de droga vegetal que a gente usa para fazer alguns extratos ou dispensar como chá, como droga vegetal mesmo. Parte dessa matéria prima a gente tem que adquirir também de fornecedores qualificados.

M. E. S. P.: Eu gostaria agora que você falasse um pouco mais da sua ação no projeto, o que você faz, quais são os seus objetivos?

F. C. M.: Eu na verdade, no começo, fui disponibilizada integralmente, assim que eu deixei a coordenação da Assistência Farmacêutica, eu trabalhei integralmente como coordenadora do projeto, na execução das ações propostas, no plano de trabalho, mas a partir do momento que essas ações se tornaram uma rotina no município, eu acabei tendo que assumir outras possibilidades aqui dentro do município. Dentro do projeto hoje eu atuo na articulação, quando tem alguma questão externa com outras Secretarias, com outros gestores, com o gestor do município. São as negociações que a gente tem que ir fazendo para dar continuidade no processo. Também faço a parte de formação junto com as equipes de saúde, também sou eu que estou sempre conversando, porque como eu trabalhei bastante tempo no NASF (Núcleo de Apoio a Saúde da Família), eu acabei criando um contato muito grande com os médicos, enfermeiros, com os profissionais de saúde. A gente sempre está junto aos profissionais, considerando que tem que atualizá-los periodicamente. Às vezes tem um produto que não está saindo tanto, a gente estuda a possibilidade de exclusão dele, inclusão de outros que o profissional vem pedindo pra gente, como produtos de odontologia, por exemplo, que foram

demandas de alguns dentistas. Então a gente vai adequando o elenco de fitoterápicos à demanda que vem surgindo e essa conversa sempre é feita comigo, eu sou essa ponte entre os profissionais e a Farmácia Viva. Agora a gente conseguiu com o Conselho Reginal de Farmácia uma formação em feridas, que foi um tema bastante citado nas nossas conversas com as equipes. Então a gente sempre está levando informação, trazendo essa demanda para que possamos realmente fazer essa cultura, porque também tem uma rotatividade de profissionais dentro das equipes muito grande. Grande parte dos profissionais de saúde atuais não participou da formação que a gente fez dentro do projeto, que foi entre 2016 e 2018. Então a gente produziu um Memento de Fitoterapia do município de Itapeva, disponibilizado para os profissionais. Sempre quando entra um profissional novo eu vou até ele, eu levo esse material, eu falo sobre a fitoterapia. Este é um processo constante, mas que a gente o tempo todo avalia e constroi. Um processo dinâmico, não um processo concluído, finalizado.

M. E. S. P.: Prosseguindo um pouco nas perguntas eu queria que você falasse um pouco sobre como a população recebeu esse programa. Como eles estão inseridos hoje? Se vocês têm algum sistema de retorno, de feedback desses usuários.

F. C. M.: A população recebeu muito bem. A gente mora no interior, já tem um histórico de uso da fitoterapia nas famílias, nas comunidades, então a gente tem uma adesão muito boa das pessoas. Hoje em dia, as pessoas chegam e pedem: "Ah, eu queria aquele xarope natural que vocês têm pra tosse." Com o tempo, a gente percebeu que não podia contar só com os médicos para prescrever esses fitoterápicos, aí as enfermeiras e os farmacêuticos, que participaram massivamente da formação, precisavam de um respaldo para poder prescrever. Então a gente publicou uma normativa prevendo a prescrição por equipe multiprofissional. Hoje em dia, aqui dentro do município, médicos, farmacêuticos, enfermeiros e odontólogos prescrevem fitoterápicos. Eu utilizo muito a fitoterapia dentro do Programa de Tabagismo e dentro do CAPS AD (Álcool e Drogas). Em algumas situações eu prescrevo para pacientes e familiares de pacientes que eu atendo. A demanda vem da população, as pessoas procuram a fitoterapia. O forte mesmo é a prescrição por enfermeiros.

M. E. S. P.: É importante você falar sobre essa normativa pra gente, que talvez estejamos pensando em construções de Farmácias Vivas, independente de nível I, II ou III, entender como a gente horizontaliza essa prescrição, descentraliza ela...

F. C. M.: É, isso aumenta a autonomia dos profissionais da Atenção Primária, porque muitas questões que as enfermeiras teriam que passar para o médico, elas já podem ali resolver, então aumenta a autonomia do profissional dentro do processo de cuidado na Atenção Primária, principalmente.

M. E. S. P.: Muito bom! Para a gente ir para as considerações já finais, eu vou fazer mais duas perguntas: a primeira, eu queria que você falasse um pouco mais sobre essa relação com a Cooperativa Coopplantas. Porque em tese, essa questão das Farmácias Vivas receberem materiais de assentamentos, de produtores, da agricultura familiar, é um sonho. E vocês conseguiram aplicar o que muitos municípios estão buscando e muitas vezes, por questões que você mesma colocou, de a planta ter que ser certificada, ou as próprias agricultoras não terem essa planta. Então eu queria que você falasse dessas dificuldades, que você já trouxe. O que o Sistema Único de Saúde ou o que a Secretaria de Saúde, órgãos públicos, poderiam fazer para melhorar essa relação, enfim, tornar isso mais aplicável em outros municípios?

F. C. M.: Na verdade, a gente tem um grupo, que o Pedro Carlessi participa, Farmácias Vivas do Estado de São Paulo, formado principalmente por farmacêuticos que atuam diretamente com Farmácia Viva. A gente está estudando formas de normatizar um controle de qualidade da droga vegetal, porque a gente tem dificuldade de ter uma droga vegetal de qualidade. Temos pensado em como fazer esse controle de qualidade dentro da Farmácia Viva, porque as cooperativas, os pequenos agricultores, têm as certificações orgânicas, mas não têm os controles de qualidade necessários para que a gente transforme a droga vegetal em medicamento. São pontos que precisam avançar, nessa parte do controle de qualidade da droga vegetal. Eles fornecem a planta e a gente faz os controles de qualidade e também a gente precisa fortalecer o arcabouço legal para que a gente possa adquirir essas plantas dessas cooperativas, porque hoje em dia, no sistema

público, a gente tem que fazer licitação, processos de tomada de preços, em que nem sempre os agricultores familiares locais conseguem ter o melhor preço. Precisamos pensar numa forma, tanto a nível municipal, quanto estadual e federal, de priorizar a aquisição das plantas medicinais desses agricultores, para fortalecer esse sistema, ampliar o raio de atuação dessas cooperativas para que elas possam fornecer para mais municípios e terem mais escala para produzir. No projeto, a gente percebeu também que fez uma escala muito grande e não teve demanda do tamanho proposto. Então, do ponto de vista econômico, não seria sustentável elas produzirem pra gente, porque é uma escala muito pequena. Por exemplo, no último ano, foram 50 kg de planta que, para uma cooperativa, não é nada! Isso impossibilitou que elas produzissem para a gente, então elas produzem para os clientes delas, e aí a gente meio que fica com o que tem, é difícil a gente alinhar essa demanda e a oferta, bem como essa parte do controle de qualidade.

M. E. S. P.: E pra gente finalizar de vez agora, eu queria que você, abertamente, falasse qual é o seu sonho, seu maior sonho para a construção do SUS, para a construção da fitoterapia, inclusão, aplicabilidade no Sistema Único de Saúde.

F. C. M.: Bom, o meu sonho é que a gente possa ter Farmácia Viva em cada município, que a gente possa ter realmente essa aceitação por parte de todos os profissionais de saúde, que a gente possa fazer formações contínuas, dentro das Universidades, que a gente fortaleça a fitoterapia dentro das Universidades. A parceria com a FAIT me permitiu ingressar como professora e desenvolver cada vez mais TCCs (Trabalho de Conclusão de Curso) na área de plantas medicinais. A gente tem buscado desenvolver o interesse dos alunos nesse tema, porque eu acho que é a partir daí, das formações nos cursos de saúde, que precisamos inserir a fitoterapia. Dentro da Atenção Básica a gente precisa colocar Hortos Medicinais, dentro das unidades de Estratégia de Saúde da Família. Eu sonho que a gente, cada vez mais, fortaleça essa cultura de cuidado com as plantas medicinais, que é uma cultura tão rica que a gente tem aqui no nosso país. A gente tem a biodiversidade, que é a nossa maior riqueza, que a gente saiba usar essa riqueza em prol do cuidado das pessoas, para trazer um cuidado mais integral.

Financiamento

Nenhum a declarar.

Agradecimentos

Nenhum a declarar.

Autor Correspondente:
Maria Eduarda Senna Pierri
maria.senna@unesp.br

Editor:
Dr. Paulo Henrique Manso

Recebido: 01/06/2023
Aprovado: 13/06/2023
